

Nº 114 - Ano 14 - Recife, Junho / 2013 - Distribuição gratuita.

CAIS DO PORTO

Fechado o expediente do bar mais dileto
Safamos ainda insatisfeitos para a madrugada
fria

Tocar a pele da antemanhã.
Às vezes, levávamos um violão...
Ainda uma garrafa de bebida.
Íamos amanhecer no porto,
Cantando a alvorada.
Chegávamos bem perto do mar:

A paisagem silenciosa...
Os homens
Tirávamos as camisas suadas de boemia.
Alguns cantavam de forma desafinada
E outros subiam nas amuradas das pontes
E declamavam versos.
Todos bêbados e aparentemente libertos
Das amarras do dia.

A noite aberta não causava sustos:
Cruzávamos prostíbulos,
E ainda nos alegravam as últimas meretrizes,
Definitivas, nas calçadas, e seus escassos
clientes;
Ao fundo, persistentes ideólogos de mesa de
bar.

Perto do cais do porto,
Uns adormeciam nos bancos da praça;
Outros, mais sentimentais,
Carregavam a aurora nos olhos.
Os casais se abraçavam
Contemplando navios estrangeiros,

E o Recife Antigo – de tantas narrativas –
Em nossas costas, como sentinela,
Admirável e trágico,
Eternamente acordado.

JOCA DE OLIVEIRA
(ianomangue@elogica.com.br)

NA CIDADE Parte 2.

Meus passos bêbados.
Borboletas atropeladas.
Cachorros famintos.

Sonatas de concordes
Cegam meus ouvidos.

A primavera
Crucificada nas vitrines
Anuncia
A venda do coração do poeta.

JORGE LOPES (Curta Poema)

Que seria de um Deus sem essa névoa que
protege e encobre.

RAINER MARIA RILKE

A HISTÓRIA DE UM PEDREIRO

Um crime foi praticado
Em uma rua estreita
Ninguém sabe ninguém viu
Quem começou a treita.

Alguém disse com certeza
Que o moço era pedreiro
Casado, pai de dois filhos
Não possuía dinheiro.

Outro disse que o fulano
Conhecia o matador,
Que às vezes se encontravam
Em conversas sem valor.

Um corpo foi encontrado
Do lado estreito da rua;
Um homem sem nada ter
Morreu em tiros certos.

Será que foi enterrado?
Que tristonha a sorte sua.
Desta maneira morrer.
Eis a história de um pedreiro.

EDILSON ALVES
(Itapissuma - PE)

(FELINO)

Erro pela boca esta rima por onde grito
Berro

Esta rima erra por onde ando
Terra

CELSO BORGES



1º dia de aula / na sala de aula / eu e a sala.
LEMINSKI

O BELO NARCISO (trecho de Frutos de Arribação)

Narciso quer novamente o silêncio, o parado, o
olho apenas se vendo. Paixão absoluta, orgasmo
ocular! Vontade de árvore à margem. Fixar o
instante à beira d'água branca, branca, tão branca,
transbranca; moço esperando a idade!

E a gente sabe que, quando Narciso se viu, nunca
mais se deixou.

Silenciosamente o tempo lhe conta a vida.
Paciente erosão pratica. A realidade vai para
diante, é o passo seguinte. Quando a gente
atravessa os instantes, não vê. O presente é um
contínuo avanço. As mutações são eternas! O
homem não evolui; envelhece. O tempo é cupim
na madeira; rói a seiva, mói a beleza, desmantela,
acanalha a aquarela! A característica mor do
homem é que apodrece. Haver vida é motivo
bastante para decomposições!

Narciso inquieta-se. Como entender uma ruga em
face tão muito bela? Levanta-se aflito. O tempo
não deixará de insinuar-se por seus ombros largos;
as murchações invadirão seus belos olhos
coloridos. Corre de muito medo. O tempo roaz
derrota a estética, ninguém o vence; é a lepra do
mundo com suas braçadas irreversíveis; e vira
cobra no sétimo bote!

O temor das brevidades nos faz impotentes diante
desta coisa que não sabe preguiça ou fastio, que
impõe corrosões enquanto cumpre uma misteriosa
e desgraçada ordem: a que murcha o homem. O
tempo é este liquidozinho que a gente engole,
engole... Em seco; esta coisa peçonhenta que,
engordurada, desliza vida afora!

Pobres faraós... Pobres ossos sonhosos... Ossos
que, encaixados, montariam o esqueleto; com
alma, e carne, e esplendor, ter-se-ia o homem
tornado...

O que há de antiguidade num rio ou na cabeça de
ancião do capucho de algodão? Por que os deuses
cometeram o erro de os homens murcharem? Ser
humano, eis a imperfeição!

WILSON VIEIRA
(jose.wilson59@uol.com.br)

PARA LER:

**Frutos de Arribação,
WILSON VIEIRA.**

**Quase Haicais,
JOCA DE OLIVEIRA.**

<p>ABISMO (Trecho)</p> <p>Estudei muitos livros (cheguei a ler as “páginas amarelas”) Li muita filosofia. E romances demais. Fui Otelo em Veneza, E em Verona fui Romeu (e até Julieta). Nas estradas da Espanha Enlouqueci com Quixote. Hoje sou Dante Que se perdeu no inferno, Sem glória, sem comédia E sem Virgílio.</p> <p>DANIEL LIMA</p>	<p>GOD. MÁTICO</p> <p>Não sei o que fazer Com esse deus De iniciais maiúsculas Que herdei da mãe : sagrado demais Pra que se possa Conversar Sem rituais Distante sem face Criando elucubrações E medos</p> <p>Procuro um deus diário Um deus mais chão Que (nos) habite Aqui agora sempre E nos deixe viver _amém</p> <p>SAMUCA SANTOS</p>	<p>KARG 6</p> <p>Bombardeado pelo Iraque, Depois de chocar-se com uma ilha, E vazar perto de Marrocos Setenta mil toneladas De óleo bruto no mar, O petroleiro Karg 6 Já não pode regressar ao Irã E todos os portos se fecharam Àquele monstro e a seu vômito negro, Obrigado a vagar De mar em mar E a nunca chegar A nenhum lugar, Com seu comandante, E imediato e uns doze tripulantes Que já não se curvam Em direção à Meca, Não por falta de fé, Mas por não saberem mais Onde ela está</p> <p>ALBERTO DA CUNHA MELO (O Cão de Olhos Amarelos)</p> <p>Acesse www.plataforma.paraapoesia.nom.br</p>
<p>ALMAS GÊMEAS</p> <p>Ao sair espiritualizada do bar Sob uma manhã de sol E com homens trabalhando o dia A palavra prima Ilumina-se no tempo do girassol O verdadeiro amor se apresenta EMOÇÃO E RAZÃO</p> <p>JOSÉ TERRA (21 Poemas)</p>	<p>Galeano transcreveu <i>graffiti</i> anotado em Montevidéu, “maconha provoca perda de memória e outras coisas mais que já esqueci”.</p> <p>Borges escreveu no livro O Fazedor: “Eu, que tantos homens fui, não fui nunca aquele em cujo abraço Matilde Urbach desfalecia”</p> <p>Balau: Finjo ser feliz.../ No Carnaval da Vida, / Cara de Palhaço.</p> <p>***</p>	<p>Viver ikebana É eternizar jardins Na palma da mão.</p> <p>J. B. DONADON LEAL</p> <hr/> <p>Pétalas de mim Cultivo num jarro velho Que já foi jardim.</p> <p>JORGE TUFIC</p>
<p>Rumbo a Nausicaa</p> <p>O sopro e o sangue criam, não ressuscitam. Os mortos aborrecem chamados de esperança. As crianças turbam a ordem. Os poetas comovem o caos, afligem o ventre das mulheres.</p> <p>DÉCIO PIGNATARI</p>	<p>RECIFE/EU/RECIFE</p> <p>Recife traçado Com as linhas do meu corpo... Com o líquido do meu copo Com o suor do meu rosto...</p> <p>Recife sem porta Recife com porto...</p> <p>Com seus rios vivos. Às vezes mortos. Com seus rumos tortos...</p> <p>Somos unidos como xifópagos Jamais um viverá sem o outro...</p> <p>Recife de rumo certo... E eu de rumo torto...</p> <p>SILVIO HANSEN</p>	<p>OUTONAL</p> <p>Ornamentavam a minha tarde As folhas que tombavam das árvores Em honra do outono.</p> <p>Eu teci com minhas preces vazias Um tapete para recobrir o infortúnio De estar tão perto e tão distante do Deus vizinho...</p> <p>Nem céu, nem inferno Somente o desassossego Debaixo do ruflar de asas do querer contrariado</p> <p>Nem céu, nem inferno Somente folhas secas Recobrimo o chão do outono com mensagens para os homens.</p> <p>SERGIO LEANDRO (Marginal Recife 5)</p>
<p>Caminhar pelas ruas de <i>Enforcados</i> Desacompanhada jovem Era um ato de coragem</p> <p>Cada mulher que por ali trafegasse Com o olhar era despida Examinada, apalpada E se inventavam até intimidades</p> <p>Nas sombras da noite ou no claro do dia Tantas mulheres comercializavam seu amor Nas testas de bode ou chalés Do Sarongongo, do Cruzeiro das Moças Do Pau que Chora Mulheres famosas, Algumas tão grandes No conceito do povo Dete, Bidula e Nair</p> <p>Mulheres mártires Santas mulheres prostitutas Encurraladas sem saída</p> <p>(in <i>Translúcido Silêncio</i> – MANOEL CARDOSO)</p>	<p>AUTODEFESA</p> <p>Mesmo entre aqueles que fecundam A floração dos girassóis vermelhos O homem Ainda tem que se defender Do homem</p> <p>Mesmo entre aqueles que fecundam A floração dos girassóis vermelhos O homem Ainda tem que se defender Do homem!</p> <p>MARCELO MÁRIO MELO</p>	